

Quase uma incitação ao crime ambiental¹

Edvaldo Santana²

Não é por modismo ou demonstração de riqueza que diversos países possuem limites rigorosos ao uso de veículos movidos a combustíveis fósseis. É um esforço para reduzir a emissão de gases de efeito estufa (GEEs). Nos Países Baixos, será impedida a venda de carros a gasolina ou diesel a partir de 2030. Na Noruega, há um bom tempo a venda dos elétricos já é maioria, ritmo seguido pela Dinamarca e Nova Zelândia.

Em algumas capitais europeias o quadro é ainda mais promissor. Em Paris e em Madri a circulação de veículos a gasolina ou diesel, em certas partes da cidade, só será permitida até dezembro deste ano. Proibição que já é real em Estocolmo. E a Cidade do México, na América do Norte, planejou esse tipo de restrição para 2030.

Bem recentemente, no trajeto para a academia, percebi uma movimentação diferente. Um dos quatro postos de combustível, numa mesma via, passou a ter uma fila, enquanto seus concorrentes permaneciam vazios.

Não era cristalina a explicação para a fila. O preço do litro de gasolina, R\$ 6,39, visto da estrada, era o mesmo dos demais. Porém, naquele posto, ia a R\$ 5,99 para quem usasse o PIX como meio de pagamento. Uma economia de R\$ 0,4/litro. Cada 50 litros representava uma poupança de R\$ 20. O bom desconto era a razão da longa fila.

Fiquei a pensar naquilo durante os exercícios. O bairro de Brasília onde isso acontecia é o Noroeste, um dos mais novos do Plano Piloto, e um nicho de moradia para as classes média e média alta. (Nessa mesma área, distante 500 m dos postos, ainda vive, cercados e acudados, o que restou por lá dos povos das etnias Tukano, Kariri-Xocó, Tuxá e Fulni-ô Tapuya, que antes ocupava o que hoje é o Noroeste).

Fiz uma autorreflexão: e se, para reduzir a emissão de GEEs, em lugar do desconto R\$ 20 fosse dado um prêmio de R\$ 30 para quem deixasse o carro em casa dois dias úteis por semana? Existiria a fila no balcão do bônus? NÃO. Essa pergunta, com um quê de indignação, traz um dilema. Se 30 é maior que 20, parece não ter lógica o cara ficar na fila para poupar na compra do combustível e não entrar em outra para ganhar ainda mais.

Esse é um dilema instigante no campo da economia comportamental. Veja uma forma alternativa de abordagem: uma pessoa chega numa loja para comprar um automóvel de R\$ 600 mil. Do lado, outro cliente cochicha que viu o mesmo carro, num shopping a 2 km, sendo vendido por R\$ 599.970. O cara não deu a menor bola. Já no carrão, seguiu para adquirir um relógio de R\$ 200. Prestes a pagar, descobriu que numa loja a 2 km aquele relógio custava R\$ 180. Reclamou e foi comprar o mais barato.

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniao/coluna/quase-uma-incitacao-ao-crime-ambiental.ghtml>

Acessado em 28.07.2025

² Doutor em Engenharia de Produção e ex-diretor da Aneel.

Por que decisões tão discrepantes, se a grana que seria economizada na compra do carrão é maior que o dinheiro poupado na aquisição do relógio? Existem explicações. A primeira é a aversão à perda, sentida ao não aceitar o desconto, tanto no carro quanto no relógio. Contudo, ela é mais perceptível e dolorosa na compra do relógio, ainda que o valor absoluto seja menor. A segunda explicação vem do desconto hiperbólico, quando a pessoa prefere recompensas imediatas, mesmo que bem menores. No contexto do carro, o foco do comprador é a satisfação imediata de ter o veículo, dando pouca importância ao valor absoluto do desconto. Ou seja, percepção do desconto é subjetiva e influenciada pelas circunstâncias.

PL estimula a fila que aumenta a emissão de GEEs, pois derruba barreiras e reduz custos da agressão ao ambiente

Voltemos ao problema do bônus. Repare que na pergunta formulada há um aposto, “para reduzir a emissão de GEEs”, um adjunto adverbial de finalidade, que faz muita diferença. Quem espera na fila para comprar gasolina com desconto não pensa nos futuros efeitos dos GEEs. Quer gastar menos com combustível para usá-lo agora. É um caso real de desconto hiperbólico. O ganho no abastecimento do carro, mesmo menor, tem uso imediato, ao contrário do bônus, que tem benefício futuro, e não necessariamente pelo usuário do automóvel.

É por isso que, no geral, as reações, nesse tipo de cenário, visto das quadras do Noroeste, seriam como “o que vou fazer com R\$ 30?”. Ou então, “R\$ 30 nada acrescentará à minha vida”. Na conciliação entre o presente (usar o veículo sem restrição) e o futuro (os efeitos dos GEEs) prevalece o presente. Sacrificar o presente em prol do futuro seria, assim, uma postura perdedora, daí a aversão. Conclusão: é muito provável que não exista a fila do bônus. E, se existir, seria bem menor que a da bomba de gasolina.

O que essa história tem a ver com PL 2.159? O processo de licenciamento ambiental precisa sim de importantes mudanças. Ele é excessivamente moroso, ideológico, com vários guichês para um mesmo pedido e usa critérios de análise em que o mérito depende muito da área de conhecimento do avaliador e das pressões do Ministério Público. Está, desse modo, muito distante do ideal. O problema é que o PL, há poucos dias aprovado na Câmara dos Deputados, deixa o processo de licenciamento mais próximo do indesejável.

O licenciamento por adesão, conseguida por declaração de próprio punho, o fim da exigência da licença para empreendimentos agrícolas e agroindustriais, somados à revalidação automática da autorização vencida são um insulto às quase 200 vidas perdidas nas enchentes da Grande Porto Alegre e tantas outras na região serrana do Rio, no litoral sul de São Paulo, no Vale do Itajaí, em Jaboatão dos Guararapes e em dezenas de outras tragédias climáticas. E é impiedoso com os moradores das palafitas da região norte, inundadas inclusive pelo lixo industrial.

Diminuir a importância da Mata Atlântica e atribuir a presença dos povos originários exclusivamente à titularidade ou demarcação de terras é uma demonstração de ganância, que joga no monturo da arrogância as ideias razoáveis do PL original. Arrogância que faz tudo isso acontecer às vésperas da COP30 e num governo que prometia fazer oposto do que foi consolidado no Congresso.

Na metáfora do bônus para quem deixar o carro em casa, o PL, da forma aprovada, estimula a fila que aumenta a emissão de GEEs, pois derruba barreiras e reduz os custos da agressão ao meio ambiente - o desmatamento, por exemplo. O PL faz crescer o potencial de mortes com as mudanças no clima. No fim das contas, o tal PL é quase uma incitação ao crime ambiental.